



GT 62. Novos conservadorismos, populismos e liberalismos: perspectivas etnográficas

Coordenador(es):

Leticia Maria Costa da Nobrega Cesarino (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Piero de Camargo Leirner (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

A presente década tem sido marcada pela ascensão de lideranças políticas representando a chamada extrema ou nova direita, alt-right, entre outras denominações. É o caso de Donald Trump, nos Estados Unidos, e de Jair Bolsonaro, no Brasil. Esses atores têm realizado investidas no debate público, intensificando controvérsias e desafiando noções e categorias já canonizadas na epistemologia científica, política, social, filosófica e econômica, tais como “direitos” e “democracia”. Na literatura antropológica e de áreas afins, assim como na esfera pública mais ampla, esses processos têm sido abordados através das chaves analíticas dos “novos” conservadorismos, populismos e liberalismos, em autores como Jean e John Comaroff, Loic Wacquant, Wendy Brown, Melinda Cooper, Philip Mirowski, Ernesto Laclau, Chantal Mouffe, Judith Butler, Veena Das, Achille Mbembe, Bruno Latour, Nancy Fraser. O GT pretende oferecer um fórum para discussão de pesquisas antropológicas que vêm abordando essa constelação a partir de múltiplos ângulos, incluindo, mas não se limitando a: novas direitas, bolsonarismo, lavajatismo, cultura neoliberal, intervencionismo militar, terraplanismo, comunicação e mídias digitais, movimentos sociais, novas formas de ativismos, conservadorismo religioso, fake news e pós-verdade. Procuramos preferencialmente trabalhos de cunho etnográfico realizados no Brasil, ou em perspectiva comparada, mas consideraremos também pesquisas de outras ordens, e realizadas em outros países.

A mamadeira erótica dos outros: evangélicos, bolsonarismo e a Antropologia das fakenews como uma Antropologia da Ética.

Autoria: Cleonardo Gil de Barros Mauricio Junior (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

No contexto do que tem sido chamado de pós-verdade, este work tenta estabelecer algumas diretrizes para uma abordagem antropológica das fakenews e do populismo de direita, tendo como pano de fundo a polarização entre sujeitos religiosos-conservadores e seculares-progressistas no corrente cenário político brasileiro. Durante a disputa na última eleição para presidente do Brasil, a campanha do então candidato pelo PSL, Jair Bolsonaro, vitorioso no pleito, ficou marcada pela disseminação de fakenews através, principalmente, do disparo automático - e ilegal - de mensagens em aplicativos de compartilhamento de mensagens. Dentre as narrativas mais espantosas utilizadas como recurso para atacar a campanha adversária de Fernando Haddad, então candidato pelo Partido dos Trabalhadores, destacou-se o caso da ?mamadeira erótica? que comporia um suposto kit gay a ser distribuído nas creches pelo candidato do PT. Outra característica marcante da vitória de Bolsonaro foi o apoio maciço da parcela da população que se declara evangélica. Quase 70% desse segmento religioso depositara seu voto no candidato que afirmara não haver ?essa historinha de Estado Laico, é Estado cristão e a minoria que for contra, que se mude?. Com isso, não tardou para que o lado progressista e secularizado do embate, incluam-se aí os acadêmicos das ciências sociais, construísse uma imagem homogeneizante do eleitor de Bolsonaro: evangélico, reacionário, racista, homofóbico e irracional, uma vez que propenso a acreditar em narrativas mirabolantes como a mamadeira erótica. Diante desse cenário, como a Antropologia pode contribuir para o estudo das Fake News e do populismo autoritário? Na tentativa de estabelecer uma Antropologia das Fakenews como uma Antropologia da Ética, entendo ser necessário iluminar como, na interação com as fakenews, o sujeito reforça (ou revê) a maneira pela qual ele entende que deve viver (ética), enquanto transforma, nessa relação, a notícia em fato.



Não obstante, dado o status de arma de batalha da epistemologia, torna-se indispensável debruçar-se também sobre os regimes de verdade, crença e conhecimento do pólo secular e progressista da contenda. A fim de delinear os detalhes de minha proposta de uma abordagem antropológica das fakenews, apresentarei uma análise da já citada controvérsia da mamadeira erótica contraposta à reação dos antropólogos, e da Associação Brasileira de Antropologia, na ocasião da circulação de uma notícia falsa a respeito do lançamento de um curso de Doutorado em Antropologia que seria patrocinado pela igreja do pastor Silas Malafaia, um dos líderes evangélicos mais controversos do país e apoiador de primeira do antes candidato e agora presidente Jair Bolsonaro.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: